



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS PUBLICADAS NO ÂMBITO DA CAPES

Vanessa Herculina de Sobral; Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

Universidade Federal de Pernambuco – PPGEduc, vanessahsobral@hotmail.com; nina.ataide@gmail.com

Resumo: Este artigo inscreve-se no campo das discussões sobre o processo de ensino-aprendizagem no contexto de ciclos e de forma específica sobre o lugar que nele tem a avaliação da aprendizagem, partindo de uma compreensão de avaliação como elemento de articulação que incide na aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo (HOFFMANN, 1995; MÉNDEZ, 2002). Utilizamos de autores como Fernandes e Freitas (2007), Both (2008), Villas Boas (1998) e Fernandes (2011), entre outros para mediar nossa discussão. Este estudo tem por objetivo geral situar o modo como a avaliação da aprendizagem vem sendo discutida nas pesquisas depositadas no banco de dados da CAPES. É uma pesquisa de cunho bibliográfico e apresenta o mapeamento das pesquisas que abordam a temática da avaliação da aprendizagem no contexto de ciclos, o qual apontou que existem poucas pesquisas que tratam da avaliação da aprendizagem, especificamente, no Ciclo de Alfabetização, o que emerge neste trabalho como um forte indicativo da necessidade de se realizarem novas pesquisas inscritas nesse contexto, para que possibilitem a ampliação das discussões no cenário das produções acadêmicas – especialmente no âmbito da CAPES enquanto um lócus privilegiado em termos de reconhecimento – e contribuam para a produção de novos conhecimentos no campo da educação.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem, Ciclo de Alfabetização, Mapeamento de Pesquisas.

INTRODUÇÃO

Este artigo inscreve-se no campo das discussões sobre o processo de ensino-aprendizagem no contexto de ciclos e de forma específica sobre o lugar que nele tem a avaliação da aprendizagem, partindo de uma compreensão de avaliação como elemento de articulação que incide na aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo (HOFFMANN, 1995; MÉNDEZ, 2002). Temos o entendimento da avaliação da aprendizagem enquanto dimensão formativa que constitui o processo de formação dos sujeitos no cotidiano escolar. Diante dessa perspectiva utilizamos de autores como Fernandes e Freitas (2007), Both (2008), Villas Boas (1998) e Fernandes (2011), entre outros para mediar nossa discussão.

Articulado à essa discussão, este trabalho apresenta a sistematização de uma pesquisa bibliográfica, cuja primazia refere-se ao nosso contato, enquanto pesquisadoras, com as publicações científicas que discutem questões vinculadas à nossa questão problema de pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Dessa forma,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

salientamos que este trabalho é parte integrante de uma pesquisa maior realizada a nível de Mestrado, a qual investiga a avaliação da aprendizagem sob a ótica de crianças no Ciclo de Alfabetização.

Partindo da necessidade de aprofundarmos a discussão em torno da avaliação no regime de ciclos, buscamos o contato com as produções existentes acerca da avaliação da aprendizagem no contexto do Ciclo de Alfabetização – especificamente no que concerne as pesquisas publicadas no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – por entendermos que esse contato contribuirá significativamente com nossa pesquisa nos situando frente ao que já foi dito sobre o nosso objeto de estudo, visto que, incumbimo-nos neste estudo a tarefa de conhecer como as produções acadêmicas estão abordando a avaliação da aprendizagem e a partir do olhar de quais sujeitos.

Tendo em vista entender a nossa temática a partir das discussões acadêmicas, este trabalho tem como objetivo geral situar o modo como a avaliação da aprendizagem no contexto do Ciclo de Alfabetização vem sendo discutida nas pesquisas depositadas no banco de dados da CAPES. Como forma de respondermos a esse objetivo geral, elencamos como objetivos específicos: mapear as pesquisas sobre a avaliação da aprendizagem depositadas no banco de dados da CAPES; selecionar os trabalhos depositados no banco de dados da CAPES que tratam da avaliação no contexto de Ciclos; identificar, dentre os trabalhos selecionados, aqueles que abordam a avaliação no Ciclo de Alfabetização; analisar em que aspectos as pesquisas selecionadas problematizam a avaliação no contexto do Ciclo de Alfabetização.

Diante das considerações apresentadas, este artigo segue organizado de forma a anunciar a *Metodologia*, seguida do *Diálogo Teórico*, no qual se discute sobre A Avaliação e o Processo de Ensino-Aprendizagem e sobre A Avaliação da Aprendizagem no Regime de Ciclos. Em seguida, anuncia *As Pesquisas Sobre Avaliação da Aprendizagem*, onde apresenta o mapeamento realizado no banco de dados da CAPES. Por fim, traz algumas considerações que compõem as *Conclusões* e finaliza-se listando as Referências Bibliográficas utilizadas em seu desenvolvimento.

METODOLOGIA

Diante da intenção de situar o nosso objeto de estudo em meio as discussões apresentadas nas produções acadêmicas no âmbito da CAPES, nos vinculamos à perspectiva da pesquisa bibliográfica, a qual é

[...] **elaborada a partir de material já publicado**, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, **com o objetivo de colocar o**



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54, grifo nosso).

Nesse caso, esta pesquisa bibliográfica toma como base de reflexões as pesquisas depositadas no bando de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – que apresentam discussões em torno da avaliação da aprendizagem no contexto do Ciclo de Alfabetização.

Destacamos a recorrência às produções já publicadas sobre a avaliação da aprendizagem no contexto de ciclos, enquanto evidência de que o conhecimento se inscreve num movimento constante, no qual estudando o estudo de outros pesquisadores, produzimos o nosso estudo (FREIRE, 2006). Salientamos ainda que será considerado neste trabalho o recorte temporal de 10 anos, dessa forma, foram selecionadas pesquisas que foram depositadas no banco de dados da CAPES entre os anos de 2005 e 2014. Optamos por esse recorte temporal por entendermos que ele nos possibilitou compreender o que vem sendo discutido em torno da avaliação da aprendizagem no contexto de ciclos de maneira ampla.

DIÁLOGO TEÓRICO

A Avaliação e o Processo de Ensino-Aprendizagem

Pensar sobre a avaliação da aprendizagem implica refletir sobre sua imbricação com outras dimensões do processo de ensino-aprendizagem. É nesse sentido que Fernandes (2011) afirmam que “A avaliação de percursos de aprendizagem dos alunos no contexto das salas de aula só tem significado se estiver fortemente ligada com a aprendizagem e com o ensino” (p. 132). Então, a avaliação não existe como uma dimensão isolada, mas como elemento de articulação que subsidia o desenvolvimento das ações empreendidas no cotidiano escolar.

Assim, entendemos que “O ensinar e o avaliar estreitam laços tão profundos que ambos perdem a razão de ser quando estes são quebrados” (BOTH, 2008, p. 22). Mediante essa compreensão, a avaliação pode ser considerada como um elo unido ao ensino, que tem por finalidade a aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo nomeado ensino-aprendizagem.

Partindo desse entendimento, o autor afirma que “A avaliação é um dos aspectos principais do processo de aprendizagem. Na verdade, avaliação e ensino se equivalem quando, por processo interativo, dão realidade à aprendizagem” (IDEM, p. 126). Portanto, compreendemos que a avaliação, sendo entendida como um processo articulado ao ensino e que tem por finalidade a aprendizagem dos sujeitos, propicia o conhecimento aos professores



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sobre o desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes, e aos estudantes sobre o seu próprio percurso no processo de ensino-aprendizagem.

É nesse sentido que Hoffmann (1995) afirma tratar-se de “um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação” (p. 18). O que evidencia que “A avaliação não acontece em momentos isolados do trabalho pedagógico: ela o inicia, permeia todo o processo e o conclui” (VILLAS BOAS, 1998, p. 21). Nesse contexto, entendemos que a avaliação não apenas permeia, mas subsidia todo o processo de ensino-aprendizagem ao passo que proporciona conhecimentos aos sujeitos envolvidos nesse processo.

Considerando que o processo de ensino-aprendizagem é dialógico e que, segundo Tardif e Lessard (2005), é marcado por interações humanas; e entendendo que a avaliação enquanto dimensão desse processo subsidia o desenvolvimento do conhecimento dos sujeitos que a praticam, recorremos ao pensamento de Méndez (2002) ao afirmar que

A avaliação age, então, a serviço do saber e das pessoas que aprendem. Ela deveria ser o momento no qual quem ensina e quem aprende encontram-se com a sã intenção de aprender. Avaliamos para conhecer e aprendemos com a avaliação. Somente assegurando a aprendizagem podemos assegurar a avaliação, isto é, a boa avaliação, que forma continuamente, que seria também significativa e catalisadora de novas aprendizagens. Avaliamos enquanto aprendemos; aprendemos enquanto avaliamos (p. 65).

Assim, evidencia-se que a avaliação é uma via composta por uma dupla direção, a qual é marcada pelo compartilhamento de conhecimentos entre os sujeitos que a praticam, ou seja, ao avaliar o (a) professor (a) aprende sobre o desenvolvimento dos estudantes e pode se auto avaliar; ao serem avaliados os estudantes aprendem sobre o seu percurso em meio ao processo de ensino-aprendizagem e podem, além de se auto avaliarem, avaliar o fazer do(a) professor(a). Portanto, esses sujeitos ao passo que se avaliam, aprendem e se auto avaliam na busca de melhorias em suas práticas e vivências com a avaliação.

Fernandes e Freitas (2007), afirmam que “Avaliar faz parte do processo de ensino e de aprendizagem: não ensinamos sem avaliar, não aprendemos sem avaliar. Dessa forma, rompe-se com a falsa dicotomia entre ensino e avaliação, como se esta fosse apenas o final de um processo” (p. 23). Essa afirmação aponta para o fato de a avaliação ser comumente confundida com um procedimento de fechamento das atividades propostas num dado período, quando na verdade, ela perpassa todo o processo. Os autores alegam ainda que,

No dia-a-dia da sala de aula, há uma intensa relação entre professores e estudantes que propicia o contínuo emergir de juízos de valor que são expressos em observações e comentários públicos sobre o desempenho



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

acadêmico, sobre o comportamento em sala e sobre os valores e atitudes – tanto de professores como de estudantes (IDEM, p. 25).

Assim, entendemos que a avaliação se dá num processo que se articula ao ensino possibilitando aprendizagens, ao mesmo tempo, proporciona o aprofundamento de relações entre os sujeitos envolvidos no próprio processo avaliativo. Desse modo, entendemos ainda que há uma interdependência nas relações entre os sujeitos que praticam e, portanto, vivenciam a avaliação, visto que, o ato de avaliar implica em aprender e, para aprender requer que se avalie.

A Avaliação da Aprendizagem no Regime de Ciclos

A organização da escolaridade em ciclos parece não ser uma proposta considerada nova para o sistema de ensino no Brasil, visto que, a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996¹ ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Capítulo II, sinaliza que

Art. 23 A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (BRASIL, 1996).

Nessa direção que visa a democratização do ensino, a Resolução nº 7 de 14 de dezembro de 2010 que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, ao tratar das articulações e continuidade da trajetória escolar, aponta em seu Artigo 30, que os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

III - a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

§ 1º Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos (p. 8-9).

Por esse motivo, esses três anos iniciais que compõem o 1º Ciclo do Ensino Fundamental em Nove Anos é também chamado de Ciclo de Alfabetização. Conforme observado no que diz a Resolução nº 7/10, durante os dois anos iniciais do Ciclo de Alfabetização, a avaliação deve ser processual e cumulativa de forma a sobrepor os aspectos qualitativos aos quantitativos, ou seja, trata-se da progressão continuada, não permitindo a retenção das crianças durante esses dois anos iniciais no ciclo.

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Sobre a progressão continuada, defende-se que ela se distingue da “promoção automática”. A progressão continuada prevê o “não – prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem; obrigatoriedade dos estudos de recuperação para alunos de baixo rendimento e possibilidade de retenção, por um ano, no final do ciclo” (POLI, 1998, p. 4 apud MAINARDES, 2001, p. 1). O que remete ao fato de que a Política de Ensino Fundamental em Nove Anos objetiva a democratização da escola e, portanto, do ensino.

Ao tratar do regime de ciclos como uma das modificações trazidas pela Política de Ensino Fundamental, Alavarse (2009) sinaliza que,

A proposta de ciclos deve contemplar o processo de avaliação como decisivo, retirando-lhe, contudo, a cobertura ritualística – notadamente em torno de provas, notas e suas decorrências excludentes – integrada à escolarização com fins seletivos supostamente associados à garantia da qualidade da escola (p. 74).

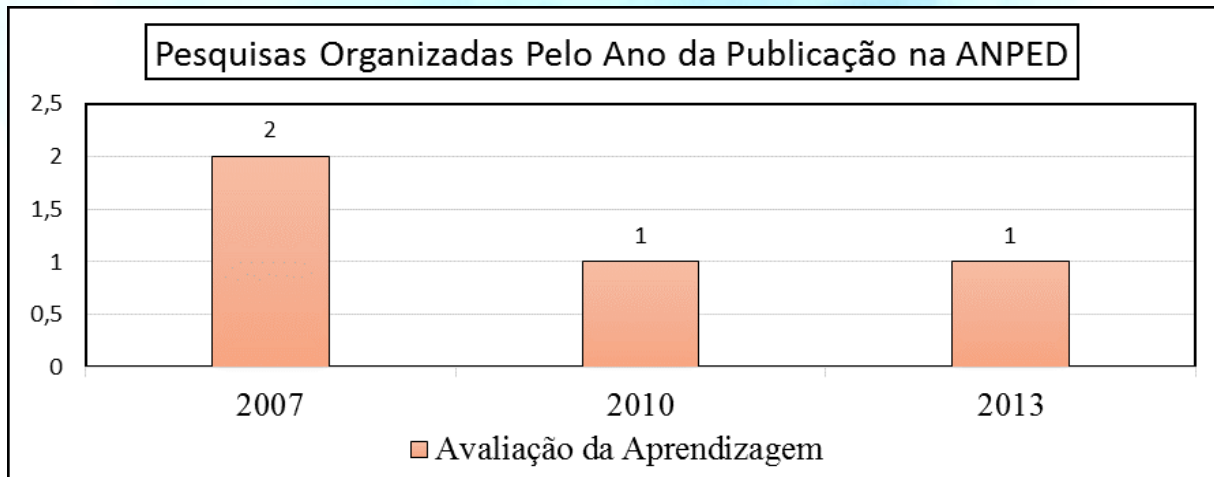
Diante dessas considerações, evidencia-se que o regime de ciclos traz em seu bojo um novo modelo de avaliação da aprendizagem. Partindo dessa evidência, entendemos que esse novo modelo, para que seja efetivamente praticado no cotidiano escolar, faz necessário que os sujeitos envolvidos nas práticas avaliativas sejam conhecedores dessa proposta não apenas como parte de uma Política Educacional, mas como um elemento diferenciado que propõe articulações e relações que não aquelas vivencias no contexto de seriação.

AS PESQUISAS SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Apresentaremos o mapeamento das pesquisas e teceremos considerações a partir das problematizações apresentadas nas produções discursivas publicadas no banco de dados da CAPES², entre os anos de 2005 e 2014, sobre a avaliação da aprendizagem no contexto de Ciclos. Para tanto, nos propomos a analisar as pesquisas encontradas – de modo a identificar nelas aproximações e distanciamentos em relação a ênfase que damos na nossa pesquisa maior sobre essa temática, que é a avaliação da aprendizagem no Ciclo de Alfabetização – buscando nos situar no cenário das discussões acadêmicas sobre a avaliação da aprendizagem no âmbito da CAPES.

Fizemos o mapeamento dos trabalhos a partir da categoria avaliação da aprendizagem. O resultado desse mapeamento compõe o gráfico a seguir, o qual expõe o quantitativo de pesquisas publicadas pela CAPES no decênio 2005 – 2014, que tratam especificamente da avaliação da aprendizagem, tais dados estão organizados com base no ano de cada publicação.

² Optamos por fazer o levantamento nesse banco de dados por considerarmos a importância das pesquisas nele publicadas, visto que se tratam de produções a nível nacional e internacional, as quais possibilitam uma ampliação do nosso entendimento sobre o nosso objeto de estudo ao passo que possibilitam o conhecimento sobre a avaliação em outros contextos



Observando o gráfico, percebemos o quanto é tímido o quantitativo de pesquisas produzidas sobre a avaliação da aprendizagem publicadas no banco de dados da CAPES no último decênio. Dentre as quatro pesquisas identificadas, duas delas tratam da avaliação da aprendizagem, mas não fazem nenhuma referência ao contexto de Ciclos, e as outras duas, abordam em suas discussões a avaliação no contexto de Ciclos. Portanto, optamos por fazer a apresentação dessas pesquisas em dois grupos: o primeiro, composto pelas pesquisas que se distanciam da ênfase que damos à avaliação em nosso estudo; e o segundo, formado pelas pesquisas que se aproximam do nosso foco de estudo.

Com base nessa organização das pesquisas selecionadas no nosso levantamento, teceremos a partir daqui as nossas considerações em relação à problematização que elas apresentaram sobre a avaliação da aprendizagem e suas contribuições para o desenvolvimento do nosso estudo maior, que aborda a temática da avaliação da aprendizagem no contexto do regime de Ciclos, mais especificamente, no Ciclo de Alfabetização.

No primeiro grupo, apontamos a pesquisas intitulada³ “O Programa PISA: Um Instrumento Para a Melhora do Processo de Ensino-Aprendizagem” que foi desenvolvida por Vilches e Perez (2010). Tendo por objetivo questionar opiniões baseadas em leituras supérfluas e deformadas, extensamente divulgadas, sobre a informação que o Programa PISA proporciona para a Avaliação Internacional de Alunos, essa pesquisa apresenta uma análise técnica do referido programa articulada à discussão que problematiza a avaliação da aprendizagem em larga escala, especificamente a nível internacional, através do Programa PISA, entendendo a avaliação como instrumento de melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Por fim, a pesquisa apresenta como resultado que a consideração daquilo que deve ser avaliado resulta essencial para evitar reducionismos empobrecedores, e que haverá

³ Originalmente em língua espanhola “El Programa PISA: Un Instrumento Para la Mejora del Proceso de Enseñanza-Aprendizaje”.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de enfrentar tradições que sistematicamente limitam a avaliação aos aspectos mais facilmente quantificáveis.

Salientamos que apesar de não tratar da problematização a qual nos propomos em nossa pesquisa, que é a avaliação da aprendizagem no contexto do Ciclo de Alfabetização, essa pesquisa desenvolvida por Vilches e Perez (2010), faz-se relevante para o desenvolvimento da nossa pesquisa, visto que proporciona o entendimento de que a avaliação da aprendizagem mesmo sendo uma das dimensões mais investigadas no processo de ensino-aprendizagem não se esgota em uma simples problemática, mas que ela oferece diferentes linhas de estudos que podem ir pela vertente local ou pela global. Assim, destacamos, como anunciado, a importância de conhecermos o que já foi dito sobre a temática da avaliação, para que, a partir do já dito, possamos ampliar as discussões concernentes ao nosso objeto de estudo.

Encontramos também a pesquisa de Faleiros e Pimenta (2013), intitulada “A Avaliação da Aprendizagem em Tempos de Prova Escrita”, pauta-se no objetivo de analisar se as concepções de avaliação dos professores são coerentes com os instrumentos utilizados por eles para avaliar. Como forma de atender a esse objetivo, as autoras fizeram uma pesquisa de campo que envolveu entrevistas com professoras do Ensino Fundamental I e uma pesquisa documental com os Planos de Gestão e com os instrumentos de avaliação utilizados.

Ao promover uma discussão em torno da avaliação da aprendizagem na perspectiva do olhar de professores, a pesquisa de Faleiros e Pimenta (2013) procurou desvelar a relação que se estabelece entre o que os professores pensam sobre a avaliação e como avaliam, dessa forma, puderam observar que os tipos de avaliação adotados e praticados revelavam uma preocupação exacerbada voltada para a promoção. Diante disso, essa pesquisa apresentou como resultado que, apesar das concepções dos sujeitos pesquisados demonstrarem conhecimento das novas teorias de avaliação, a inércia do sistema vigente se sobrepõe às suas possibilidades de incorporar essas concepções às práticas.

A referida pesquisa, apesar de não fazer referência à avaliação da aprendizagem no contexto de Ciclos, como já anunciamos anteriormente, apresenta contribuições a medida que aponta discussão sobre as influências contextuais que direta ou indiretamente atuam nas práticas de avaliação vivenciadas no cotidiano escolar. Diferente do que pode parecer, as práticas de avaliação em sala de aula estão vinculadas a outras dimensões que se articulam ao processo de ensino-aprendizagem, como os programas de avaliação em larga escala – caso da pesquisa apresentada anteriormente, de Vilches e Peres (2010); e outros programas de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

avaliação que compõem o Sistema de Avaliação e, paralelamente, o sistema educacional.

No segundo grupo, temos a pesquisa de Cianflone e Andrade (2007) no banco de dados da CAPES. Intitulada “Práticas Avaliativas no Ensino Fundamental e Cultura Escolar”, essa pesquisa tem o objetivo de investigar as práticas avaliativas que configuram a cultura e o *ethos* escolares e como esses valores fundamentam e orientam o trabalho pedagógico. Suas reflexões se pautam na consideração de que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96, ao propor a organização do ensino em ciclos e o regime de progressão continuada, introduz importantes modificações na organização escolar e nas práticas de avaliação adotadas nas escolas brasileiras.

Esse trabalho configurou-se como uma pesquisa de campo que foi realizado em três escolas de Ensino Fundamental da rede estadual paulista junto a professores, equipe pedagógica e direção. Os resultados apontaram que há predominância de práticas fundadas no sistema de ensino seriado e, foi observado também que existem valores associados à função seletiva da escola e movimentos de resistência e ajustamento às novas medidas, como: remanejamentos informais de alunos, precariedade na formalização das avaliações.

Essa pesquisa apresenta aproximações no que se refere ao fato de ter abordado a discussão em torno da organização do Ensino Fundamental em ciclos e o regime de progressão continuada, demonstrando que houveram algumas modificações no tocante às práticas de avaliação nesse contexto. Outra aproximação é o fato da pesquisa ter sido realizada no 1º Ciclo do Ensino Fundamental.

Entretanto, apresenta como distanciamentos do nosso foco de estudo o fato de trazer a perspectiva do olhar de professores, já que no caso da nossa pesquisa maior, fazemos opção pela perspectiva do olhar das crianças sobre a avaliação da aprendizagem. Outro fator que elencamos como distanciamento – e que nos pareceu curioso – se refere ao fato de que a pesquisa em questão, apesar de se engajar na discussão sobre a política de Ensino Fundamental em Nove Anos e suas modificações quanto à organização em ciclos e à progressão continuada, faz uso de termos típicos do regime seriado, como: “1ª a 4ª série” entre outros, sendo que juntamente com as modificações mencionadas, a política de Ensino Fundamental em Nove Anos adota também novos termos, o que no caso dos anos que compõem o 1º Ciclo do Ensino Fundamental, por exemplo, seria 1º, 2º e 3º anos.

A segunda pesquisa que forma esse grupo também foi publicada no ano de 2007. Da autoria de Sousa (2007), o trabalho intitulado “Avaliação, Ciclos e Qualidade do Ensino Fundamental: Uma Relação a Ser Construída” tem por objetivo analisar como vem se construindo essa relação, ou seja, como tais expectativas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

vêm se concretizando. Esse trabalho apresenta um histórico da implementação da política de ciclos no Brasil e, nessa discussão, aponta que nesse processo a avaliação, dentre as atividades escolares, ganha destaque, pois sobre ela incidem, com maior visibilidade, expectativas de mudanças em suas finalidades e formas.

Diante da problematização que apresenta, a pesquisa de Sousa (2007) considera que o modo como vem sendo vivenciada, a avaliação tende reiterar concepções e práticas há muito dominantes na escola e, desse modo, pouco tem contribuído para a construção de uma escola inclusiva. Também aponta que os estudos que analisaram as experiências em curso revelam que, em sua essência, as finalidades e formas de avaliação pouco mudaram, mesmo que não se tenha como alvo a decisão de aprovação/reprovação dos alunos.

Salientamos que essa pesquisa, apresenta aproximações e distanciamentos em relação ao que nos propomos investigar sobre a avaliação da aprendizagem. Aproxima-se deste trabalho e do nosso estudo maior por ter tomado como lente outras pesquisas que tratavam da temática visando situar o seu objeto de estudo. Distancia-se no que se refere à perspectiva adotada para olhar a avaliação no contexto de ciclos que foi tão somente o aporte teórico, juntamente com pesquisas publicadas, sem recorrer ao campo empírico. Outro distanciamento observado foi que a referida pesquisa não abordou a avaliação no Ciclo de Alfabetização, mas discutiu sobre as modificações trazidas para a prática de avaliação no contexto da implementação da Política de Ciclos.

Frente ao que foi exposto, a partir do que trazem essas duas pesquisas que apresentaram aproximações, destacamos que estas se fazem relevantes visto que nos possibilitaram olhar o cenário das discussões acadêmicas, no âmbito da CAPES, e situar a nossa pesquisa enquanto um estudo que endossará as reflexões sobre a avaliação da aprendizagem no contexto de Ciclos tendo a possibilidade de ampliar os conhecimentos sobre essa temática.

Destacamos ainda o fato de, em nosso levantamento realizado no banco de dados da CAPES, não termos identificado nenhuma pesquisa publicada no recorte temporal que nos propomos analisar que tratasse, efetivamente, da avaliação da aprendizagem no Ciclo de Alfabetização. A nosso ver, esse é um fato que sinaliza a necessidade de se realizarem estudos no âmbito da avaliação da aprendizagem e, mais especificamente, problematizando concepções e práticas de avaliação que parecem ter sido invisibilizadas em detrimento de outras: as de crianças, por exemplo. O que aponta a importância do destaque dado em nosso estudo maior, que é o olhar das crianças sobre a avaliação no processo de ensino-aprendizagem.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CONCLUSÕES

Como considerações deste trabalho, o qual intencionou situar o modo como a avaliação da aprendizagem no contexto do Ciclo de Alfabetização vem sendo discutida nas produções acadêmicas depositadas no banco de dados da CAPES no decênio 2005-2014, apontamos que o mapeamento realizado nos possibilitou perceber que há poucas pesquisas que tratam da avaliação da aprendizagem, especificamente, no Ciclo de Alfabetização. Esse é um fator que nos impulsiona a pesquisar sobre essa temática com o propósito de ampliar a discussão sobre a avaliação da aprendizagem no contexto do Ciclo de Alfabetização, sobretudo, dando ênfase ao olhar de crianças como sujeitos envolvidos no processo de avaliação.

Dessa forma, podemos afirmar que as pesquisas identificadas no mapeamento não discutem sobre a avaliação da aprendizagem, especificamente, no Ciclo de Alfabetização. Por fim, consideramos que emerge neste trabalho um forte indicativo da necessidade de se realizarem novas pesquisas inscritas nesse contexto, para que possibilitem a ampliação das discussões no cenário das produções acadêmicas – especialmente no âmbito da CAPES enquanto um *locus* privilegiado em termos de reconhecimento – e contribuam para a produção de novos conhecimentos no campo da educação.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, O.M. **Organização do ensino fundamental em ciclos e avaliação**. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 23, n. 1, p. 73-89, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>; <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 de julho de 2016.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. 2 ed. Curitiba: Ibepex, 2008.

BRASIL, **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL, **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

CIANFLONE, Ana Raquel Lucato; ANDRADE, Érika Natasha Fernandes de. Práticas avaliativas no ensino fundamental e cultura escolar. In: CAPES: *Revista Paidéia*, 17(38), 389-402, 2007.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanal intelectual. In: MINAYO, M. C. de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FALEIROS, Thalita H.; PIMENTA, Maria A. A. A avaliação da aprendizagem em tempos de prova escrita. In: CAPES: *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, 6(2), 221-244, 2013.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e avaliação. In: Brasil, Ministério da Educação. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. MOREIRA, Antônio Flávio; ARROYO, Miguel Gonzáles; et. al. (Coordenadores). Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2007.

FERNANDES, Domingos. Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: questões teóricas, práticas e metodológicas. In: ALVES, Maria Palmira; KETELE, Jean-Marie de (orgs.). **Do currículo à avaliação, da avaliação ao currículo**. Porto Editora: Portugal, 2011.

FREIRE, Paulo. Considerações sobre o ato de estudar. In: _____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista**. 18. ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.

MAINARDES, J. A organização da escolaridade em ciclos: ainda um desafio para os sistemas de ensino. In: Franco, Creso (org.). **Avaliação, ciclos e promoção na educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001. P. 35-68.

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOUSA, Sandra Zákia. Avaliação, ciclos e qualidade do Ensino Fundamental: uma relação a ser construída. In: CAPES: **Revista Estudos Avançados**, 21(60), 27-44, 2007.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

VILCHES, Amparo; PÉREZ, Daniel Gil. El programa PISA: un instrumento para la mejora del proceso de enseñanza-aprendizaje In: CAPES: **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 53, p. 121-154, 2010.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Planejamento da avaliação escolar**. *Proposições*. Vol. 9, nº 3 (27) novembro de 1998.